

Diário de Lisboa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
 Tel.: 3194 e 3195-C.—Em. Teleg. DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO
 SECRETARIO DA REDACÇÃO
 ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
 Impressão: Rua do Mundo, 118

OS FACTOS

O resultado posto que previsto, da eleição de Lisboa despertou varias pessoas adormecidas ou sonambulas.

—«Então os monarquicos ousam vir assim caçar, no nosso feudo eleitoral!»

—«E' como vê! Os republicanos são tão fetichistas que acreditaram que o simples vocabulo de Republica os precaveria contra as más surpresas...»

—«Que havemos de fazer agora? Tere-mos de recommençar a propaganda?»

—«Visto que está eleito o parlamento, a salvação do regime está nas suas mãos e na dos governos que ele patrocinar. O povo não quer palavras, pois se cançou delas. Ha problemas a resolver que não se compadecem com a oratoria dos comicios nem com a agitação das ruas e praças».

—«Mas os homens... os homens é que faltam! Se o Afonso viesse...»

—«Porque o não fazem vir? Compreende-se, porventura, que, em hora de tamanha angustia ele se conserve a distancia, como alheio á crise das instituições que ajudou a implantar? As questões economicas e financeiras exigem a sua comparencia em Portugal».

Que elo se não esqueça disto.

A Republica tem tanto a sua marca que só de... ac...

O GOVERNO Cunha Leal conseguiu efectivar o seu programa — manter a ordem e presidir ás eleições. Se, apenas constituído o Parlamento, ele resolver demittir-se — o que provavelmente não fará, enquanto o sr. Presidente da Republica não desimpedir a sua situação de enfermo e de vítima dos acontecimentos — o seu successor deve ter a impressão de que Portugal é um país tão facil de governar que os ministerios passam por cima dos acceptimentos, como os papagaios de papel sobre os pinhais.

AMANHÃ, o Porto celebra mais um aniversario do 31 de Janeiro. Ignoramos o que, junto da campa dos obscuros combatentes, se vai dizer.

Parece-nos que o espectáculo mais eloquente seria uma romagem, mas sem palavras, ao cemiterio do Prado do Repouso. Tanto se tem discursado já que vai sendo ocasião de a Republica meditar em silencio sobre o seu passado, para compreender bem o seu futuro.

FALECEU em Montevideo, durante a viagem que ia tentar ao polo sul, o celebre explorador inglês Shackleton, que ha poucos msecs. tinha passado em Lisboa, a bordo do seu hiate. Mais um que morre sem ver realizado o maior sonho da sua vida.

FOI exonerado de sub chefe da repartição deposito da armada o capitão-tenente sr. Sequeira Braga.

ENCONTRA-SE já á venda, numa lindissima edição, por sinal, o novo livro de Afonso Lopes Vieira — Em demanda do Graal.

As eleições que ontem se realizaram são cheias de significação para quem saiba extrair dos acontecimentos as lições que eles encerram. Não representam uma vitoria para a Republica, porque não indicam um progresso no espirito republicano.

O partido democratico mantem-se nas suas posições, levando ás Camaras uma maioria capaz de governar numa situação calma, mas não num periodo turbulento e polemico, como este em que estamos. Necessita do apoio dos reconstituintes e dos liberais. Se estes, como tudo leva a crer, lho não recusarem, é de presumir que o governo Cunha Leal, dentro de pouco, dê como terminada a sua missão.

Quem lhe sucederá?

Certamente, um outro presidido por qualquer das figuras proeminentes do P. R. P. Como o receberá o país?

Se a sua candidatura, visto que, entre o electorado que concorreu ás urnas e o povo propriamente dito, ainda ha alguma diferença. A culposa indiferença ou a surda revolta dos que se recusam a exercer o seu direito de voto facilita a uns tantos uma ditadura *sui generis* — a dos caciques.

Ainda que a Constituição diz que o povo é soberano, a verdade é que esta soberania é uma especie de latigo de que se serve ás vezes uma minoria para escravizar a maioria. A historia dos ultimos anos tem paginas bem documentadas a tal respeito. Que serie de revoluções se não têm feito para escaparmos ao jugo

dos democraticos, senhores do Parlamento, dos municipios e das paróquias! Como se compreende que assim se desacatem os eleitos do sufragio popular?

Pelo motivo de as urnas não recolherem a legitima voz do povo, mas sim a da audacia triunfante. Claro está, esta tinha obrigação de manter, nas cidades e campos, uma activa propaganda que servisse para conquistar pela persuasão a alma das turbas.

Nunca o fez, porque o idealismo que inspirou o 5 de Outubro breve se extinguiu, ficando em seu lugar um forte desejo de satisfações materiais que fez encalhar o verbo da Democracia, entre os dentes apressados em triturar e mastigar.

Hoje, a Republica, que se fez em Lisboa, irradiando daqui para todo o país o fogo tribunico das suas imprecações e apostrofes contra os tiranos, encontra-se, dentro dos muros da cidade de Ulisses, em luta contra o inimigo que ela julgou que nunca mais se ergueria dos golpes que lhe vibrou na data do seu advento.

A Republica só tem um partido — o democratico, que, nas horas adversas, se tem batido por ela com bravura. A sorte duma e doutro acha-se ligada para a vida e para a morte. Estas eleições assim acabam de o demonstrar. Ao sr. Cunha Leal deve seguir-se um governo do P. R. P., com apoio de reconstituintes e liberais. Dele vai depender a salvação do regime.

Que todos os republicanos percebam isto!

CRITERIO MAIS SIMPLES



— Então tu não votaste em mim e ainda por cima me pdes favores?...
 — Pois é exactamente por isso...

NA Asia Maior appareceu uma nova doença que mata as pessoas, em poucas horas chamam-lhe a *febre negra*.

Os medicos estudam o seu tratamento. Como atravessamos uma época de flagellos, mais um ou menos um não nos incomoda. Um medico inglês dizia que, de tempos a tempos, eram as enfermidades que salvavam os homens corrompidos.

Estamos rigorosamente a ser vítimas de tal curativo.

GUERRA Junqueiro sustenta que é cristão, mas não catolico. Se a logica obrigasse o seu espirito a esclarecer-se, talvez o seu cristianismo fôsse difficil de manter.

No entanto, esperemos que o panteismo, que parece ser a sua filosofia, o ajude a confundir-se em altas brumas, para que ele um dia se encontre na necessidade de nos explicar o seu verdadeiro pensamento religioso.

E' ENORME a abstenção eleitoral em todo o país. O povo não compreende que a maquina do Estado depende toda das eleições. Presa tão pouco a liberdade que a não defende com o exercicio do direito que é a razão de todos os outros.

A abstenção eleitoral é um facto que não lhe deixa tempo para...

NÃO é verdade, como alguns jornais noticiaram, que o sr. dr. Reis Junior tenha sido agredido, por ocasião do conflito que se deu ontem, á noite, no Café Martinho.

Tambem nos informam que aquele magistrado e todos os funcionarios da policia de investigação não assistiram á posse do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, por não terem conhecimento da hora a que se realizava.

ASSIS Esperança, que fez a sua estreia de romancista com *A Veragem*, acaba de publicar um novo romance — *Viver!* em que ha paginas de drama que comovem e perturbam. A edição pertence á livraria Aillaud.

O GOVERNO inglês informou o ministro da marinha sobre quais as fortalezas britannicas que deixam de corresponder ás salvas dos navios de guerra estrangeiros.

RECEBEMOS do sr. Antonio Coelho um opusculo, *A questão de Coimbra*, ou seja um episodio do conflito academico de 1921. A edição pertence ao autor.

FOI reformado o capitão de mar e guerra do quadro auxiliar sr. Amaro de Azevedo Gomes.

FOI agraciado com a medalha de prata de bons serviços o 1.º tenente sr. Afonso de Jesus.

DA generosidade dum anonimo recebemos cinco escudos para distribuir por cinco pobres nossos protegidos, sufragando a alma da sr.ª D. Rita Emilia Leite, falecida em 31 de Janeiro de 1921.

Obrigado, pelos pobresinhos.

Magazine

Há anos, numa das grandes esfolhadas da província em que se reúnem em desafio bandos de duas ou mais terras, encontraram-se de frente, os dois mais famosos cantadores de leguas em redor: um rapaz e uma rapariga.

Cada qual devia fazer valer o seu dom de improvisador e todos os assistentes esperavam animadamente o resultado do desafio, cada qual tomando parte pelo cantador do seu lugar.

Começou a rapariga por lançar um desafio de escarneo, como quem tinha a certeza da vitória. Com grande espanto de todos, nem melhor, nem pior, o rapaz nada respondeu.

Mais atrevida pelo sucesso, a rapariga lançou novo desafio, ao qual se seguiu o silêncio do formosíssimo cantador, que a terceira ficaria desclassificada.

E ainda mais zombeteira, certa já da vitória, a rapariga lançou a terceira quadra de uma ironia certa e profundamente cruel como são as ironias do povo.

Então, a voz do cantador ergueu-se, dominando o sussurro de vitória que começava a saudar a rapariga:

*Quando quero responder
A's falas que me vais dando,
Foge-me a voz da garganta,
Vai-se-me a alma chorando.*

Qual o grande poeta que faria melhor?

* * *

Ha pessoas que nunca chegam a realizar o que tencionam...

Assim nunca chegaram a ser enviadas ao A. B. C. estas quadras, que deviam entrar no concurso da melhor quadra de amor, que hoje acaba publicamos nós:

*Sonho, que não adivinham
Os que nunca o conheceram...
Ail dos que um dia o tiveram
E que depois o perderam.*

*Amor, saudade, lagrima,
Peece que mal se murmura,
Rouba a vida e nem nos diz
Se é dor ou é ventura.*

Algol é uma estrela de segunda grandeza, visível actualmente no zenith ao começo da noite. É uma estrela maravilhosa, ainda que não de primeira grandeza. De dois dias e vinte horas em dois dias e vinte horas, pode observar-se a olho nu, a diminuição do seu brilho, até quasi a fazer desaparecer, durante quatro horas. Depois a estrela retoma o seu fulgor normal.

Este fenómeno é um eclipse devido á interposição dum satélite que gira em torno de Algol, cujo nome quer dizer demonio, em meo de dois dias.

A distancia entre os dois astros, que formam uma estrela dupla, é menor que o diâmetro dos seus diâmetros.

A sua temperatura superficial é de 13.000 graus, ao passo que a do nosso sol é de 5.000. Isto é, seriam necessários 25 sois como o nosso, para que a terra recebesse uma luz igual á que receberia se fôsse iluminada por Algol.

E, então, os habitantes da terra, como os do mundo que elle ilumina, seriam bem diferentes.

VICTOR MOREIRA FONTES
--- CLINICA GERAL --- DOENÇAS DAS SENHORAS ---
CONSULTA DIARIA
Rocio, 59, 1.º Tel. 5:497 C.
--- CONSULTAS DAS 4 AS 6 ---



— Será preciso gritar-lhe ao ouvido que o UROL é o maior dissolvente do ácido úrico?

Cura: o REUMATISMO, ARTRITISMO, GOTA, OBESIDADE, etc.

FARMÁCIA FORMOSINHO:
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18

AS GRANDES QUESTÕES NACIONAIS

O FUTURO DE PORTUGAL ESTÁ NAS COLÓNIAS

"Ele tanto se encontra no ultramar como na metropole"

Responde-nos o sr. Camilo Rodrigues

As relações economicas entre Portugal e Angola, e os exageros do regime pautal

Hoje, mais do que nunca, a atenção publica está fixada nas colonias. Nesta hora de crise, o povo português, em vez de fazer depender a sua salvação de um acrescimento de actividade, espera que dos seus longínquos dominios venham aqueles recursos que a situação do país reclama. Em Angola está o futuro de Portugal!—brada-se a cada momento. Mas o que ninguém diz é que as riquezas colonias, quasi inexgotáveis, que existem na nossa Africa Ocidental, precisam de ser trabalhadas, e isso não é possível sem o esforço de muitos milhares de braços.

Mais autorizado que nós para dizer estas palavras, é o infatigável colonial com quem acabamos de conversar. Camilo Rodrigues, um nome bem conhecido do publico, e, principalmente, daqueles que acompanharam com atenção os trabalhos da assembleia nacional constituinte, com a autoridade especial que lhe dá a sua valiosa intervenção na vida economica de Angola, quiz-nos falar acerca da tão anunciada salvação da metropole á custa do desenvolvimento colonial. Eis como ele, na sua visão de homem de iniciativas que conhece bem a politica e os seus meandros, vê a grave questão:

—O futuro de Portugal tanto está nas colonias como na metropole. O futuro de Portugal depende apenas da applicação de todas as energias da raça conjugadas, pelo trabalho, na produção de riqueza, tanto aqui como em Angola. As arvores das patacas secaram há muito tempo nas nossas colonias e ninguém pensa, sem grande trabalho, que é possível viver com o *mandá* de Angola.

«Em Angola trabalha-se muito e os seus colonos, se mais não produzem, é por falta absoluta de protecção do Estado, de técnicos que os orientem e de capitais que deem expansão aos seus empreendimentos.

Na metropole não se trabalha; cada vez se produz menos, mas em compensação joga-se. Tudo isto se transformou numa casa de batota.

Temos uma industria parasitaria e uma agricultura miseravel. Não temos comida para três meses, mas temos vinho com fartura.

«Não ha dinheiro, para empreendimentos para comprar maquinas, para comprar adubos, para pagar a tecnicos, para desbravar terrenos, mas ha caudais de notas para jogar na bolsa, para jogar nos cambios, para jogar nos generos de alimentação, para jogar nas materias primas, com muito mais facilidade do que se joga nos clubs ou nas tabernas.

«A situação economica de Portugal é gravissima, não ha duvida, mas a causa está sómente na indolencia dos que podem produzir e nada produzem.

«Os que querem trabalhar encontram-se absolutamente desajudados pelo Estado, e pela finança, devido á ignorancia dos politicos, que se casa admiravelmente com a ganancia feroz de toda a especie de jogadores que suga o país.

«O barateamento do custo da vida só é possível pelo desenvolvimento da riqueza. Enquanto a metropole e as colonias não produzirem os principais generos para o seu consumo, a situação não pode, por forma alguma, melhorar.

«Em Angola existe muito *mandá* para os que quizerem trabalhar as suas terras magnificas e aproveitar os seus minerios riquissimos; mas sem trabalho e sem dinheiro esse *mandá* não poderá alimentar ninguém.

—Que influencia poderá ter a exploração das riquezas de Angola na economia da metropole?

—A minha opinião poderá parecer exagerada, porque não posso falar dessa colonia sem paixão. No entanto, creio poder afirmar que Angola, dentro de poucos anos, influirá, por tal forma, na economia da metropole, que garantirá em absoluto a abastança e o bem estar de todos os portugueses.

«Angola pode produzir todos os generos de alimentação de que a metropole é deficitaria, á excepção do trigo que, por enquanto, não oferece garantias de exploração economica. Pode fornecer ainda todo o algodão para a lãboração das nossas industrias, ainda, adubos azotados, oleos brutos, gazolinas e outros derivados do petrolio, pela distillação dos carvões betuminosos.

Além disso, muitos outros productos mi-

nerais, agricolas ou industriais, poderão ser exportados para os mercados estrangeiros que, transformado em ouro, muito contribuirão para melhorar a nossa situação cambial. Para podermos realizar, porém, toda essa produção, Angola precisa, acima de tudo, de estabelecer um *modus vivendi* economico com a metropole, de compensações reciprocas, abolindo-se para sempre a escravatura pautal que a ignorancia do Terreiro do Paço lhe impoz em beneficio das industrias e navegação metropolitanas.

—Mas o regime dos altos commissarios não basta para Angola se desenvolver livremente?

—É incontestavel que o regime dos altos commissarios representa grande conquista para Angola. Os seus efeitos já se estão fazendo sentir enormemente com os grandes planos de fomento do sr. Norton de Matos. Mas o Alto Commissario apenas tem poderes, embora quasi descriptonarios, dentro da Provincia. Angola não está isolada do mundo. A sua situação economica, em relação com a do exterior, continua enfeudada aos interesses dos industriais e da navegação da metropole. Ora, que os interesses dos industriais da metropole sejam protegidos, está bem—mas em detrimento de Angola, é que não é aceitavel.

«Que se exijam sacrificios a Angola em nome da Patria, concordo, mas continuar a confundir os interesses da Nação com os interesses da incompetencia de uma guiza de industriais e da navegação metropolitana, é um erro enorme.

—Mas, vê com tão maus olhos a industria nacional?

—Antes pelo contrario. Acho indispensavel protegê-la, mas com inteligencia, de forma a poder transformar-se em industria nacional reconstrução nacional. Seria, porém, absolutamente intransigente com a manutenção dos privilegios pautais de que a industria metropolitana tem vivido desde 1892 e que, longe de a terem beneficiado, sob o ponto de vista do seu aperfeiçoamento, só serviram para a transformar numa instituição parasitaria.

«Se querem proteger a industria obriguem a unificar-se, sob o ponto de vista das especialidades, abram-lhe créditos que lhe facilitem a aquisição de maquinas aperfeiçoadas e forneçam-lhe tecnicos competentes. Manter o escandaloso regime pautal actual, não é proteger a industria, mas sim alimentar um cancro á custa da provincia de Angola, com grande inconveniente para a economia geral da Nação.

«Os colonos de Angola estão prontos a fazer todos os sacrificios para a salvação economica do País, mas não estão nada dispostos a sustentar todos os incompetentes e madraços que á sua custa pretendam locupletar-se.

—E a navegação?

—Quanto á navegação nacional continua o leonino regime proteccionista que pode ser uma medida excelente para engordar os accionistas das companhias portuguesas á custa de todos os que trabalham em Angola, mas nunca em beneficio para o país. Se as empresas de navegação nacionais querem auferir grandes lucros, que trabalhem, que administrem bem e que zelem os valores que lhe confiam. Impedir em absoluto a concorrência estrangeira, para beneficiar alguns portugueses que assim escravizam a maioria dos seus compatriotas em nome da bandeira da Patria, não pode ser.

«Se querem proteger a navegação nacional, que lhe facultem subsidios, mas exijam-lhe encargos e, acima de tudo, o respeito pelos deveres dos carregadores e pela comodidade dos passageiros, mas nunca impossibilitem a concorrência, porque com ela vem imediatamente o abuso e a escravidão.

Assim nos falou o sr. Camilo Rodrigues. Certamente, as suas palavras não terão sido proferidas em vão porque, agora que tanto se fala em fomento colonial, primeiro do que quaisquer outros, devem ser ouvidos aqueles portugueses que contam muitos anos de sacrificado trabalho em prol do que nos resta do nosso emporio ultramarino.

SÉDE DO "DIÁRIO DE LISBOA"

Rua Luz Soriano, 48

Futebol

Os desafios de ontem

Com a regular concorrência que se realizou, ontem, no Campo Grande, dois desafios de «foot-ball» entre os clubs Sporting e Imperio e Bemfica e Internacional.

O primeiro principiou ás 13 horas, arbitrando Rogerio. Na 7.ª parte o Sporting marcou 2 «goals», não se tendo feito, no entanto, «associação».

Foi na 2.ª parte que o Sporting nos deu uma amostra da sua nova forma de jogar o «foot-ball». Executa sucessivamente avançadas em triangulação e domina o campo adversario com facilidade e sem grande esforço.

Assim consegue mais um «goal» marcado por Ferreira, que passou a jogar em avançado centro. Pareceu-nos acertada a troca com Varela. Este tem todas as condições para defesa.

Logo que o Sporting consiga fazer este jogo com rapidez tornar-se-há difficil vencê-lo. E' assim que se joga «foot-ball». São 11 jogadores, e não 1, que têm que vencer outros 11.

Nesta parte todos os jogadores tiveram a preocupação de dar o menor numero de passos possível com a bola nos pés. A meia defesa acompanhou muito bem os avançados e os defesas tiveram sempre pela frente Varela. O mais fraco «team», foi M. Leal.

Felicitamos a direcção do Sporting por ter entregado ao sr. Augusto Sabo a preparação dos seus «teams».

Do Imperio sobressaíram Fonseca e Arsenio. A arbitragem boa.

Rebello da Silva dá inicio ao 2.º encontro. Bemfica e Internacional alinham-se para a luta. No Bemfica falta Pimenta. Bastos joga á ponta direita. Augusto faz com Figueiredo a defesa. O Bemfica domina levemente e marca 3 «goals» na primeira parte. Na segunda o Bemfica joga sem Figueiredo.

O desafio torna-se por vezes interessante.

O «tempo» termina com 2 «goals» a favor do Internacional, um de «penalty».

O Bemfica triunfa por 3-2.

A arbitragem de Rebello foi deficiente prejudicando por vezes os 2 «teams».

A SOBERANA DO MUNDO

A grande estrela de amanhã no Condes

Transportada subitamente, por necessidade da vida e iludida por um anuncio, de bulicio de New-York para o enigmatico misterio da China, onde vai parar a uma casa de chá e ser alvo de todas as perseguições a que a sua vontade e o amor da sua honra resistirão, a joven Maud Gregard inicia por aí uma série de aventuras que a vão levar aos mais imprevistos desfechos. O conhecimento feliz de um amigo chinês, doutor em medicina, e do consul do seu paiz ha-de valer-lhe de muito nesta arriscada viagem, cujas primeiras arriscadas aventuras constituem o entrecho dos dois primeiros episodios da *Soberana do Mundo* (ou *Os Misterios do Oriente*), um extraordinario *film* de viagens e misterio que amanhã se estreia no Condes e que ha um grande e justificado interesse em vêr. Nele se estreia uma estrela alemã do cinema, a grande actriz Mia May, artista de incomparavel beleza e de um arrojo pouco natural numa mulher, como se provará no decorrer do interessantissimo *film*, o melhor do genero que até hoje se tem exibido em Portugal.

A Portuense

Companhia de Seguros
S. A. R. L.

FUNDADA EM 1902

Capital: Esc. 500.000\$00

Realizado > 50.000\$00

Fundo Reserva. . . 95.000\$00

SEGUROS CONTRA
FOGO E MARITIMOS

Agente: M. COSTA DUARTE

Rua das Pedras Negras, 30-1.º

Telegramas:—COSDUARTE

Telef.:—C. 1799

A AFINAÇÃO DO ORGÃO DO TERCEIRO SENTIDO

Uma cronica senhora do seu nariz

Registo rapido do progresso da cirurgia, do comentario do cronista e do protesto de uma dama

O nariz não será feição. Mas isso não impede que haja muito quem se afeição por narizes. E é plenamente justificável essa simpatia. O nariz é o cartaz do rosto.

Pequenino, arrebitado, em cara de costureirita garota, modula um tom de sensualidade e por vezes até nos mimoseia com uma «escala» completa, se o criticarmos no picadeiro do Chiado á hora da saída do «atelier». Grosso, abatado, prato de resistência dum rosto de mulher que não



Bela com os dois narizes

possua outra afirmação de princípios recheados — destoa, por muito belos que sejam os olhos da proprietária. Recurvado na ponta — horror! — vê-se logo: nariz de mãe da nossa mulher, característica de sogra.

Comprido, sem acidentes, desprovido de colinas, trabalhado em rectas pela natureza escultora, fuja dele, fuja dela — da dona, que é com certeza senhora de mexericos com o vício de meter o nariz em toda a parte.

O melhor nariz, se passarmos em revista todos os apêndices conhecidos do genero, ainda é aquele que se não tem — porque quasi toda a gente tem o defeito de ser demasiada dona do seu nariz.

O nariz que se não tem! Também é algumas vezes o peor. Dá desgostos. Recorde-se, a proposito, em correria, uma historia de narizes mal sucedida a um desnarigado.

Sobre o pano:

Uma familia de representação convidou para jantar num dia de festa

ta que não era de Festa da Familia, certo general reformado a quem um estilhaço de granada arrancara por completo o pára-quebras do rosto. Existia nessa familia, nascido de pais conhecidos, um demónio de seis anos que dava pelo nome de Alfredo e que dava que fazer com as suas observações e criticas, nem sempre espendidas no momento mais oportuno.

Foi prevenido o pequeno da proxima jantarada e da comparencia do general. E a prevenção foi tão rigorosa como se se tratasse duma noite de vespera de eleições:

—O menino fica proibido de falar no nariz do sr. general! Se disser alguma coisa enquanto estiver á mesa, não come doce e vai dormir três noites para o quarto das malas! Ouviu?

O petiz declarou que tinha ouvido e jurou ser discreto.

Cumpriu. No dia aprazado hon-



Digam as damas se a operação afirmou-se este feio nariz

rou o «menu» da refeição, cheio de juizo, recordando a promessa feita e a perspectiva de três noites de exilio no quarto das malas. Mas á surrelfa, desde a sopa até á carne assada, observava calado a cara do general e constatou que nariz era coisa que ele não tinha.

Mau! A necessidade de dizer de sua justiça atormentava-o. O medo do castigo se gurava-lhe a lingua.

—Vamos comendo o doce, para não perder tudo—pensou.

Mas, engulido o doce, a vontade de desabafar foi mais forte e o diábita do Alfredo saiu-se com esta:

—Mamã! Para que me proibiste de falar no nariz do sr. general? Ele não tem nenhum!

Mas o nariz, senhoras e senhores, deixou de ser o simples empregado publico, o cumpridor manga de alpacas do terceiro sentido. Medicos modernos deram-se a esculturar o apêndice que mora na sobre-loja da boca de todos nós. Só para cheirar não vale a pena ter nariz e o nariz, digam o que disserem, é o presidente do ministerio da formosura do rosto.

E' sempre ele que abre a crise da beleza. Se é feio não governa — não governa, pelo menos, com maioria de votos de admiração, não passa de um nariz de cêra.

Atentem, para convicção sincera, nos narizes que acompanham esta



Como foi aplainada uma quebra de nariz que para a sua dona era um quebra-cabeças

prosa. As caras que eles fazem antes de terem ido á officina e as que eles fazem depois!

Transformam a fealdade em beleza, depois de trabalhados.

A cirurgia já conseguiu saber onde tem o nariz. Desarrabita-o, lima-lhe os cavaletes, achata-lhe as corcundas, desadunca-lhe os bicos de mûcho. E quasi com a mesma facilidade com que se molda em barro mole. Consegue tudo.

Se lhe pedirem para pôr o nariz

do sr. Augusto Pina, scenografo, igual ao do sr. Castelo Branco, «costumier», faz o milagre numas centenas curtas de minutos.

Não ficarão muito bem colocados os narizes depois da troca. Castelo Branco sentirá pela primeira vez na vida uma falta de «costume» e Au-



Uma senhora que perdeu o ar de voluntariosa depois de operada

gusto Pina sentir-se-ha muito menos senhor do seu nariz...

—Eu disse ontem ao vizinho, é certo — a uma senhora mal emharizada, que se elevou comigo de Santa Justa ao Carmo no ascensor mecanico, que um medico de Lisboa está fazendo operações assombrosas em narizes. Exortei-a a consultá-lo porque os seus olhos negros mereciam rosto mais perfeito.

Pois abespinnou-se, perdeu todas as linhas e repontou nest arte:

—Seu atrevido! Quem é que o manda meter o nariz onde não é chamado?!

Juro-lhes que fiquei com o nariz como uma pistola.

Sarmento Duque

*** Leilão de Automoveis ***

Quem quizer vender os seus automoveis, dirija-se á

Bolsa Automobilista de Lisboa na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 122 aproveitando o proximo leilão no dia 5 de Fevereiro.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SEculo, 140

TEATRO NACIONAL

TODAS AS NOITES

Grandioso sucesso

O Centenario

TEATRO CHIADO TERRASSE

Companhia LUZ VELOSO

HOJE — Extraordinario exito

A comedia de

ANDRÉ BRUN

O JUIZ DE FORA

Noite de gargalhada

Estão suspensas as entradas de favor

AVENIDA

EU SEMPRE ARRANJO CADA EMPREGO!

DIZ

Estevão Amarante

NO

TOUREADOR

Estão suspensas as entradas de favor

Politeama Telefone N.º 3028

HOJE — As 21,30

MULHER DO BARBA-AZUL

De A. SAVOIR, tradução de E. Rodrigues, F. Bermudes e J. Bastos.

NOTABILÍSSIMO EXITO

Soberbas interpretações de Lucilla Simões, Erico Braga e Ribeiro Lopes.

Optimo desempenho de toda a companhia

Ensenação de Lucinda Simões

Estão suspensas as entradas de favor

Orquestra Sinfonica de Lisboa

DOMINGO, 5 — 10.º concerto de assinatura, sob a regência do maestro

FERNANDES FAO

SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL REALIZADO: Esc. 15.000:000\$00

SEDE -- Rua 1.º de Dezembro N.º 122 -- LISBOA

FILIAIS: PORTO -- Rua Santos Pousada N.º 338 -- PORTO
BEJA -- Junto á Estação do Caminho de Ferro -- BEJA

Telefones { 5080 -- LISBOA
502 -- PORTO

Telegramas { AUTOMATICA { LISBOA
PORTO
BEJA

Industrias em exploração

MOAGEM, PANIFICAÇÃO, BOLACHAS E BISCOITOS,
MASSAS ALIMENTÍCIAS, REFINAÇÃO DE AÇÚCARES,
CHOCOLATES, BONBONS E DOCEARIA

Fabricas em laboração em

LISBOA, PORTO, BEJA, CARAMUJO, POVOA DE SANTA IRIA, GAIA, GONDOMAR E BARCELOS

TODAS AS ENCOMENDAS DEVEM SER DIRIGIDAS Á

SEDE -- Rua 1.º de Dezembro N.º 122 -- LISBOA



FABRICA MECANICA DE

PÃO ALIANÇA

LISBOA

BECO DOS ALAMOS N.º 6
Telefone Central 951

A primeira e mais higienica fabrica mecanica de Pão, montada no Paiz.

O PÃO ALIANÇA encontra-se á venda nos seguintes depositos, especialmente criados para esse fim:

N.º 1 -- Rua do Amparo, 1 a 7

N.º 3 -- Rua Eugenio dos Santos, 11 e 13

N.º 2 -- Rua da Betesga, 12 e 14

N.º 4 -- Praça das Flôres, 1

e provisoriamente (emquanto senão criam depositos identicos) nos seguintes locais:

Rua Alexandre Herculano, 54

Rua Almirante Barroso, B. S.

Rua de Santo Antonio da Sé, 2 a 8

Largo da Graça, 133

Rua Actor Taborda, 32

Avenida de Berne, 7

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACOS
E CANTELAS
para todas as

LOTÉRIAS

Fornecer para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais 175 para registo
Telefone: 1920 — CENTRAL
Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51 — LISBOA

Policlínica do Intendente

Almirante Reis, 27, 2.º

Para as classes pobres

Dr. Abel Alves—Ovidos, nariz e garganta, às 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais.
Electroterapia, às 13.
Dr. Anastácio Gonçalves—Doenças dos olhos,
às 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras,
às 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias
urinárias, às 10.
Dr. Artur Paoloco—Doenças da pele, às 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, às 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças,
às 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sífilis,
às 15.
Dr. Formigal Luzes—Maçagens, ginástica médica,
banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia,
alta frequência, etc.), às 14.
Dr. Mario Rosa—Clínica geral, estomago e intesti-
nos, às 14.
Dr. Pereira da Silva—Análises clínicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos den-
tes, às 11.
Dr. Vasco de Lacerda—Clínica médica, coração
e pulmões, às 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e opera-
ções, às 13.

Ludovico, Limitada

Comissões e Consignações

Agentes de vendas para a província dos pro-
ductos da Academia Scientifica de Belesa
R. da Madalena, 36, 2.º — Tel. C. 3379

Secção Fiscal

Pagamento de contribuições — Reclamações
sobre todas as contribuições directas do Es-
tado e das Camaras Municipais, incluindo as
sobre avaliações de predios, sobre gremios in-
dustriais, cessação de industrias, etc., e res-
pectivos recursos em todos os tribunais — Cer-
tificações em todas as repartições publicas — Re-
cursos e mais actos sobre transgressões dos
regulamentos fiscaes, etc., etc.

R. I. P.

Dr. Carlos Pereira Santiago

FALECEU

A Empresa Internacional Limitada cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido socio e amigo dr. Carlos Pereira Santiago e que o seu funeral se realizou em Coimbra no passado dia 28, não tendo sido feita participação alguma por expressa determinação do falecido.

R. I. P.

Dr. Carlos Pereira Santiago

FALECEU

Os Empregados da Empresa Internacional Limitada cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido director e amigo dr. Carlos Pereira Santiago e que o seu funeral se realizou em Coimbra, no passado dia 28, não tendo sido feita participação alguma por expressa determinação do falecido.

PARA ONDE CAMINHAMOS?

A DESVALORIZAÇÃO DA MOEDA

resulta do aumento do
numerario circulante

A nação não precisa de pagar mais do que paga para equilibrar o orçamento do Estado—O que precisa é de pagar de outra forma

O custo da vida só parará de subir no dia em que o Banco de Portugal, a Casa da Moeda e as camaras municipais deixarem de estampar papel-moeda, e só começará a baixar sensivelmente no dia em que o papel em circulação começar a ser recolhido.

A desvalorização da moeda é, pois, efeito do aumento do numerario circulante, e como tal só poderá eliminar-se extirpando a causa que o produz.

Ora o aumento do numerario circulante é por sua vez efeito da falta de recursos do Estado para cobrir as despesas publicas. Os governos a cada passo, postos entre a necessidade de estampar mais notas, e a de suspender os pagamentos, optam, e optarão sempre, pela primeira das alternativas.

O aumento do numerario circulante tem, pois, a sua causa proxima no deficit orçamental.

Sem arranjar forma de equilibrar o orçamento do Estado fora dos recursos periodicos ao alargamento da circulação fiduciaria, não será possível evitar que a moeda se degrade progressivamente.

A primeira questão a resolver, é, pois, a do equilibrio orçamental.

De 1914 em diante, tudo cresceu no orçamento português; cresceram as receitas, as despesas e o deficit. Isto é o que dizem as apparencias; na realidade, só o deficit cresceu. As receitas e as despesas, diminuíram.

Com efeito, as receitas e despesas propostas para o ano economico de 1913-14, foram:

Receitas	75.747 contos
Despesas	79.183 >
Deficit	3.436 >

As quantias correspondentes propostas para o ano economico de 1921-22, foram:

Receitas	214.411 contos
Despesas	479.748 >
Deficit	265.337 >

Estes numeros, porém, como têm por unidade o *escudo-papel*, nada significam por si, como medidas de valores. Para poder comparar as quantidades por meio dos numeros que os medem, é necessario usar sempre da mesma unidade quando se fazem as medidas, ou por outra, é necessario que a unidade com que se mede seja constante no nosso caso, que seja um *valor* constante. Ora o *escudo-papel* não é um valor constante; pelo contrario, é variavel e muito variavel, como estamos experimentando, infelizmente. Tivemos, pois, de recorrer a outra unidade mais firme — a libra em puro.

Com esta unidade, as receitas e despesas atraz citadas montam, numeros redondos, a:

1913-14.....	Receitas.....	15 milhões de libras
	Despesas.....	16 >
	Deficit.....	1 >
1921-22.....	Receitas.....	4 >
	Despesas.....	10 >
	Deficit.....	6 >

tomando para valor medio da libra 5 e 50 es-

cudos respectivamente para o primeiro e segundo dos anos economicos considerados.

Quer dizer, em valor *real*, as receitas diminuíram de 73 %; as despesas diminuíram de 38 %; o deficit cresceu de 600 %.

As despesas sofreram, pois, uma redução *inconsciente* de 38 %. Se a isto acrescentarmos a consideração de que, desde 1914 para cá, se criaram muitas despesas novas e se alargaram outras, desenvolvendo o funcionalismo parasitario em proporções importantes, em breve nos convenceremos de que a redução feita nos serviços publicos *uteis* se levou já muito além daquilo que era possível sem perigo para o bom funcionamento desses mesmos serviços.

Por outro lado, esse tal funcionalismo parasitario não pode eliminar-se facilmente sem pôr em risco a ordem publica, talvez até sem fazer perigar a propria ordem social. Quem supuzer o contrario engana-se redondamente. E como as coisas são o que são e não o que nos convinha o que fossem, temos de concluir do que fica dito que as despesas publicas são, de facto, *incompressiveis* (passe o termo...).

E sendo as despesas *incompressiveis*, só ha uma forma de eliminar o *deficit*, que é aumentar as receitas.

Aumentar as receitas? Mas então mais impostos, mais alcavalas, mais extorsões?

Não, presado leitor, nada disso. A nação não precisa de pagar mais do que paga para equilibrar o orçamento do Estado.

O que precisa é de pagar por outra forma.

Eu me explico: de facto, o *deficit* só existe no papel. Na realidade das coisas não existe, porque o Estado cobre-o com notas do Banco de Portugal. Quer dizer, o Estado paga tudo quanto gasta, o Estado cobre com dinheiro todas as suas despesas. Logo o *deficit*, para a nação, é como se não existisse; porque no final de contas, tudo é pago em dia.

Logo, a nação não precisa de pagar mais do que está pagando para ocorrer às despesas publicas.

A forma porque paga a maior parte daquilo com que contribui para elas é que é deploravel.

Na verdade, cada um de nós está pagando as suas contribuições, isto é, a sua quota parte nas despesas publicas, de duas maneiras: em dinheiro e em carestia da vida.

Ora é esta segunda forma de pagamento que é deploravel, porque para o Estado cobrar um, tem o publico de pagar cem, ficando noventa e nove nas mãos dos intermediarios.

Com esta anomalia é que é preciso terminar e para tanto não é preciso agravar os impostos, basta fazer baixar o preço das coisas, isto é, *valorizar* a moeda.

As despesas publicas são da mesma natureza das particulares e por isso não admira que neste ponto se harmonizem os interesses do Estado com os de todos nós. Portanto, é do interesse de todos, incluindo o proprio Estado, que a vida barateie, ou que a moeda se valorize, o que é tudo o mesmo, como já vimos.

E como para tanto é forçoso reduzir a circulação fiduciaria, segue-se que é do interesse absolutamente geral que tal redução se faça.

Pacheco d'Amorim

Empreza Internacional, L.
Rua Augusta, 76, 1.º

TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346

TELEGRAMAS:--- GALVANICA

APARELHAGEM ELECTRICA PARA ALTA
E BAIXA TENSÃO

VOIGT & HAEFFNER A. G.



TOSCANO & C. L.

Bolsa Automobilista de Lisboa

LEILÃO

de automoveis, peças de sobrecelentes de diversas marcas, pneus e accessorios, no dia 5 de Fevereiro.

R. de S. Sebastião da Pedreira, 122

ADVOGADOS

Pires do Vale

João de Vasconcelos

Luciano Barata

ações e recursos em todos os tribunais civis, comerciais, criminaes e militares.

Consultas orais e escriptas desde as 11 ás 17 horas.

Rua Augusta, 129, 1.º — LISBOA



RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS

ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 3541

O ADVOGADO

José d'Arruela

R. Nova de Almada, 81, 1.º

Telefones 1949 ou 4343 (residência)

AO HERPETOL



Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.

A comichão desaparece como por encanto. Em alguns casos uma só applicação é bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as pro- testias da pele, entre elas eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ar- dencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos. Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos de- positos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

ARTIGOS
E
INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTAS

Chá das cinco

Uma quadra

Pedem-me para glosar esta quadra,
«escrita na parede branca duma ca-
peinha rustica»:

Branca Senhora da Luz,
Que me guie a Vossa mão
Pelas maguas de Jesus
Dae luz ao meu coração

Perdoae a quem produz
A pena que me consome
Vós bem sabeis o seu nome,
Branca Senhora da Luz

Senhor! se compaixão
Tamanha pena merece,
No fervor da minha prece
Que me guie a Vossa mão.

Salvai a quem me conduz
Neste caminho de abrolhos.
Vede o pranto dos meus olhos,
Pelas maguas de Jesus.

E num berndito clarão
Do Vosso olhar, Virgem Pura,
Protegei quem me tortura,
Dai luz ao meu coração.

Maria de Carvalho

Um barracão que desaba

A's 13,45 desabou um barracão de madeira, na quinta de Vaz Monteiro, na rua de Santo Antonio, á praça das Flores. O barracão, que servia para recolha de trens, desabou devido ás ultimas chuvas que abriram o pau de fileira. Acorreu prontamente o material de bombeiros, salvando dois cavalos que tinham ficado debaixo das madeiras.

José Maria, empregado na cocheira, nada sofreu.

NA 3.ª PAGINA:

Uma cronica senhora
do seu nariz

POR SARMENTO DUQUE

Os estudantes portugueses

vão ao congresso de Buenos Aires?

Chegaram esta tarde a Lisboa os srs. Pablo Doilland, A. Orfila, Reynold e Enrique Dreyvin, delegados da Federação Internacional de Estudantes fundada no Mexico para estabelecer secretarias, em Paris, Roma, Madrid e Lisboa. Representam também a Federação Universitaria Argentina e as universidades de Buenos Aires, La Plata, Cordoba, Litoral e Tucuman. Vieram a Portugal, a fim de convidarem os estudantes portugueses a fazerem-se representar no 2.º congresso internacional de estudantes, que se realiza em Buenos Aires no proximo mês de setembro.

O «Diário de Lisboa» não se publica amanhã, em virtude de ser dia de feriado nacional.

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO
EM LOURENÇO MARQUES

AS PROVIDÊNCIAS DO SR. DR. BRITO CAMACHO

O Alto Comissario em Moçambique mandou pôr em execução um diploma no sentido de promover rapidamente a construção de casas de habitação em Lourenço Marques, em vista de não haver casas suficientes para os habitantes daquela cidade. Neste diploma as edificações estão agrupadas em três ordens. As que dizem respeito ao cadastro da construção urbana, em valor, hygiene e exploração, as respeitantes ao censo da população e as que são destinadas a provocarem um incremento rapido e intenso da construção urbana.

OS MEUS DIZERES

“CIDADÃOS!” --- QUE NÓS SÔMOS
SÓ UMA VEZ POR ANO

O jornalista em face das eleições, do exito dos monarchicos, do manifesto da Conjuncção e de uma pagina de Anatole França

No exercicio do meu sagrado direito de votar, que é quasi tão grande como um exercicio da minha sacratissima obrigação de trabalhar, só com a diferença que esta exerce-se todos os dias e aquele de ano a ano — fui ontem á 5.ª secção do voto formalizado no gymnasio do Liceu de Camões. E á boca das minhas duas urnas, na reportagem que um jornalista faz sempre, se a sensibilidade literaria se não envergonha com isso, verifiquei, pela cara das pessoas que andavam no giro da galopinagem — que os monarchicos estavam por cima...

O sr. Carvalho da Silva, meu amigo pessoal e meu futuro correligionario — porque eu estou convencido de que o regime republicano se pode humanizar mais ano menos ano com as exigencias morais da nação a ponto de os monarchicos bons se convencerem de que na Republica cabem á vontade as suas melhores aspirações nacionais — estava palidamente radiante. A palidez é a cor classica dos candidatos: palido o sr. Carvalho da Silva, palido o meu camarada Bourbon e Menezes, palido o sr. Afonso Costa, se ele porventura fosse candidato e quizesse saber disto presentemente para alguma cousa. Estava radecante o sr. Carvalho da Silva, como confiado estava antes, no electrico, vindo do voto de Santa Izabel, o nosso illustre amigo D. Tomaz de Melo Breyner. Ti-vemos, pois, que — grande dia para os monarchicos, a quem certamente os democraticos levaram as maiorias só porque se cometeram — os monarchicos o explicarão — grandes ilegalidades e grandes pressões...

Mas a verdade é que a Conjuncção republicana foi fuzilada, e era aqui que eu queria chegar. Foi compreende-se que seis grupos de politica republicana não arranjassem força suficiente para eliminar o triunfo de quatro parlamentares realistas — que eu aliás irei ver com grande simpatia dentro da Camara? Pois socialistas, reconstituintes, liberais (que foram governo ha meia duzia de meses!) presidencialistas (que já fizeram duas maiorias por Lisboa!), independentes republicanos todos agrupados não arregimentaram seduções suficientes para o eleitorado se dispor a votar neles? E esta realidade obriga-me a pensar hoje, como já ontem pensava — que de eleições percebo muito pouco, e da inconstancia dos politicos muito menos ainda.

Um documento impresso, na Imprensa Nacional (o que quer talvez dizer que teve o favor do governo) e que tenho á vista:

«Ao eleitorado de Lisboa — Cidadãos!», pode explicar-me até certo ponto o desfavor da cidade capital do país para a conjuncção e até para os republicanos, incluindo os democraticos que venceram, por paradoxal que pareça, pois para mim ganhar as eleições não significa ter sempre a simpatia do Povo, significa ter a maquina eleitoral muito bem montada. E' que esta invocação: Cidadãos é profunda e tristemente significativa.

Cidadãos! Mas, senhores, nós só somos cidadãos em vespas de periodo eleitoral! De Julho do ano passado até ontem nunca mais os republicanos da Republica nos chamaram cidadãos! Durante o ano de indiferença para o contribuinte, para o municipe, para o leitor, para o humilde e ignorado trabalhador das letras, da fabrica, do escritorio ou dos andaimes ninguém chama cidadãos aos homens que são o povo e fazem a vida de actividades da capital. Nem cidadãos, nem outra coisa qualquer. Ninguém fala ao povo, ninguém prega ao povo, ninguém leva á alma do povo um pouco de fé, de calor, de palavras, palavras ao menos, senhores, só palavras!

E agora é que vêm com Cidadãos! Esta expressão Cidadãos, que tanto se presta ao ridiculo dos adversarios, ou por eles a não sentirem no seu fundo de beleza ou por os manifestos eleitorais a terem corrompido — é uma palavra admirável! Tem

conseguido um mundo de idealismo e de romantismo, e até nas exasperações historicas de 89 ao Thermidor com ela ia qualquer coisa que se não repetia desde o principio do cristianismo, ainda que então a palavra propria fosse outra muito mais bela. Pois a palavra perdeu-se, essa ou outras, advindas do mesmo sentido de respeito pelos homens e pelos principios.

Gastou-se o contacto do politico com a massa popular. Estragou-se o efeito moral da tribuna. De eleição a eleição — e elas realizadas — não mais levanta uma fala aos que estão por baixo. Os jornais politicos — politica pessoal, intrigas e acomodações. O Parlamento — politica de partidos, politica de interesses restritos; zero. Os clubs — morteiros nos anniversarios sinistros. Os cafés — revolução e dissolvença.

Ninguém se lembra durante o ano que é cidadão, e a propria Camara Municipal diminui dia a dia para o homem da cidade até o seu titulo derivado e simples de cidadão. A cidade — é deles, vereadores; do cidadão não é.

O dr. João de Deus Ramos observava-me ha alguns meses que á indiferença dos homens da cidade pelos politicos resulta destes já não saberem falar.

Eu retorqui que não sabe falar quem quer, mas quem tem autoridade para o fazer; em todo o caso a observação era legitima.

Os senhores verão que daqui até ás eleições do ano que vem nunca mais ninguém nos vem dizer: cidadãos! Lembra-se lá mais dos eleitores e dos que não tendo voto elegem por consciencia e indicação tacita! Os intelectuais da politica — porque aparecem só agora, e a medo, ás escondidas, «eu não, eu não fiz, eu não posso, eu não disse nada», porque só aparecem cinco dias antes das eleições? E porque fazem uma torre de marfim da sua intellectualidade, como se só dentro das bibliotecas medrasses e crescesse formosa a flor da intelligencia e da ideia renovadora? Santissimo manifesto, explicador e contundente! «Cidadãos!» — diz o manifesto — a historia mostra-nos que os povos que possuem um forte idealismo e uma fé superior nos seus destinos tornam-se fecundos e felizes...

Mas o povo não perdeu — ainda que d'isso se não aperceba — a fé e o ideal. Eles, os que fazem os manifestos e só aparecem na hora complicada em que os monarchicos surgem, eles é que lhe levam a confiança.

O povo, eu, tu, que nos lê, os que pensam e os que agem, os cidadãos, são como aquele magnifico Brotteaux, republicano, de que nos fala Anatole, e que á chegada do executor no minuto que antecede a guilhotina, como quer que estivesse lendo o «De natura rerum» do divino Lucrecio, põe o sinal na pagina para continuar a ler no dia seguinte.

— Ce qui suit la vie est comme ce qui la précède.

Nem as desilusões, nem a queda dos deuses, lhes leva a alegria, que é em ideal o dia de amanhã, resistindo á morte aparente, na guilhotina das revoluções.

Mas isto veio a proposito do resultado das eleições e do triunfo dos monarchicos — que o foi. Pois, muito bem. Terminarei como principiamos, de conversa.

— Os sentimentos, sr. Bourbon e Menezes. Eu fiz o possível. Que nos fique ao menos de emenda, a ambos.

— Parabens, sr. Carvalho da Silva, que seja por alguns meses e bons.

Norberto de Araujo

Viriato de Sousa Brandão

Regressou definitivamente a Lisboa o sr. dr. Viriato de Sousa Brandão que, durante alguns anos, exerceu clinica em Paris. E' filho do sr. dr. Viriato Brandão que, em S. Paulo (Brasil) era medico muito conhecido e estimado.

Os Teatros

Atrás do reposteiro

Não se confirma a noticia, dada por varios jornais, da entrada, para o Nacional, de Palmira Bastos. Esta actriz, por agora, ao que nos informam, apenas desce a descançar o resto desta época.

— Parte amanhã para o Porto, no rapido da manhã, a companhia Cremilda de Oliveira-Chaby Pinheiro, que no dia 1 se estreia no Sá da Bandeira com a comedia «O amigo de Peniche».

— Do actor Erico Braga, um dos empresarios do teatro Politeama, recebemos a seguinte carta:

Sr. Alvaro de Andrade. — Venho rogar a v. a. a fineza da publicação do convite adeante expresso e que tem por fim patentear bem claramente o grande desejo que a empresa Lucilia Simões tem, de fazer Arte, procurando agregar a si todos que queiram ajudá-la nesse seu desiderato, auxiliando-a com o melhor do seu esforço; — assim devendo em breves dias entrar em ensaios o original português de Victoriano Braga «Casaca Encarnada», são convidados os artistas portugueses a reunirem-se na proxima terça feira 31, pelas 3 horas da tarde, neste teatro, para tomarem conhecimento do concurso aberto para a factura de maquetes do scenario e do cartaz enunciator da respectiva «première».

— Agradecendo a v. o seu auxilio na satisfação deste desejo, subscrevo-me etc. Pela Empresa Lucilia Simões, Erico Braga.

— Está sem contracto a actriz Carlota Sande, que fez parte da companhia Palmira Bastos.

— Foi a La Guardia, de visita a seu filho, por motivo do anniversario deste, o actor Eduardo Brazão.

— Chegou já a Lisboa o empresario do Brasil sr. José Loureiro, que contractou em Espanha uma companhia dramatica para ir ao Rio de Janeiro.

— Faz amanhã anos o actor Rafael Marques, societario do Nacional.

— Por motivo do successo alcançado no Nacional com a peça «O Centenario», breve se realizará uma festa de homenagem aos seus autores, os Irmãos Quintero.

— Da empresa a que o «Diário de Lisboa» se referiu, disposta a organizar uma companhia portuguesa com consagrados e elementos marcantes, fazem parte varios capitalistas portugueses, e, entre estes, o conhecido joalheiro da rua, 31 de Janeiro, naquela cidade, sr. Manuel Reis.

— A companhia Alves da Cunha está dando espectáculos em Santarém, no teatro Rosa Damasceno.

— A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro vem fazer todo o mês de abril, ou maio, ao teatro Politeama.

CARTAZ

S. Carlos — Não ha espectáculo.
Nacional — A's 21 — «O centenario».
S. Luis — A's 21 — «A Moreninha».
Politeama — A's 21, 30 — «A 8.ª mulher do Barba Azul».
Avenida — A's 21 — «O Tourador».
Apolo — A's 21, 15 — «E' o levas...».
Chiado Terrace — A's 21 — «O Juiz de Fora».
Eden-Theatro — A's 20, 30 e 22, 30 — «O 31».
Salão Foz — A's 20, 30 e 22, 30 — A revista «Bichinha gata».
Coliseu dos Recreios — A's 20, 45 — Companhia de circos.
Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras — «O remorso».
Theatro dos Anjos — A's 20, 30 — Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Clube-Paris (Rua Ferreira Borges).

Uma festa militar em Coimbra

Promovida pelos officiaes do 3.º grupo de administração militar, com sede em Coimbra, e com o concurso da maioria dos officiaes da guarnição realizou-se naquela cidade ante-ontem uma sessão de homenagem ao director geral dos serviços administrativos do exercito coronel sr. Julio Pedro Macedo Coelho.

Foram proferidos discursos altamente honrosos para o caracter e dignidade do homenageado, tendo sido inaugurado o seu retrato.

Ao coronel sr. Macedo Coelho, que por motivos de saude não pôde assistir a essa festa, foi enviado um telegrama de saudação.

A «Leva da Morte»

O julgamento dos implicados foi
adiado para o dia 20

A audiencia do tribunal do 2.º distrito abriu hoje sob a presidencia do sr. dr. Francisco José do Sousa, para julgamento dos implicados na «Leva da Morte». De 121 testemunhas, responderam á chamada apenas 21. Compareceram 9 jurados. Depois de liquidado um incidente que se levantou entre a defesa e a accusação, procedeu-se ao sorteio do júri. Os advogados de defesa recusaram tres jurados. Como não houvesse numero sufficiente para o julgamento prosseguir, o juiz adiou-o para o proximo dia 20 de fevereiro.

ARTIGOS
E
INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTAS

DE REGRESSO DA SUIÇA

Chegou hoje a Lisboa a
ex-imperatriz Zita, que
segue viagem amanhãA esposa de Carlos de Ha-
bsburgo desmente a entre-
vista do "Matin"?

Vinda de Madrid, desembarcou hoje em Lisboa a ex-imperatriz Zita. A esposa de Carlos de Habsburgo chegou à estação do Rocio no comboio das 7 e 14. Vem acompanhada de seus filhos — quatro príncipes e duas princesas — dois preceptores, um deles acompanhado de sua esposa, uma dama de honor e uma criada. A dama de honor é a sr.^a condessa de Mendsoff. Um dos preceptores é o sr. Fisher Anzer.

A ex-imperatriz viajou numa caruagem-salão atrelada ao comboio correio do norte, fazendo a viagem directa de Medina del Campo a Lisboa.

Na estação do Rocio, á sua chegada, compareceram os srs. ministro da Espanha, D. Alexandro Padilla, e marquês de Lavradio. Apesar da viagem, a ex-imperatriz mostra-se satisfeita, pondo as melhores esperanças na rápida convalescença do príncipe Rodolfo — que, neste momento, parece interessá-la mais do que a própria restauração monárquica na Hungria.

O príncipe herdeiro, com os seus onze anos e um vago ar de quem não pregou olho durante a viagem, declarou muito seriamente a um jornalista que precisava dormir.

A ex-imperatriz hospedou-se, com seus filhos, em casa da sr.^a condessa de Cascais, devendo partir amanhã para o Funchal, a bordo do «Avon».

Consta que a esposa de Carlos de Habsburgo desmentiu a entrevista que um redactor do «Matin» lhe atribue.

O 31 de Janeiro

Partiram hoje para o Porto os ministros das
Finanças, Guerra e Trabalho

Os srs. ministros das Finanças, Guerra e Trabalho partiram efectivamente hoje de manhã para o Porto, onde vão representar o governo nas festas comemorativas do 31 de Janeiro, tencionando regressar a Lisboa, no rápido de quarta-feira á noite.

Conselho de ministros

A situação política
e as eleições

O conselho de ministros reuniu-se esta tarde na secretaria do Interior, ocupando-se de assuntos de administração publica e da situação politica resultante do actº eleitoral de ontem.

AS ELEIÇÕES DE ONTEM

O que dizem os vencidos

O candidato outubrista Antonio Bernardo:
"SE OS DEMOCRATICOS GANHARAM AS MAIORIAS, A NÓS O DEVEM"O candidato da conjunção Vasco Vasconcelos:
"CADA PARTIDO VOTOU NOS SEUS CANDIDATOS RISCANDO OS OUTROS"

Em Lisboa a lista que foi menos votada foi a dos outubristas. No circulo occidental não obteve um unico voto; no oriental, esparsos, aqui um numero, mais além outro. Todos fracós. Na Brasileira, café politico, quartel general dos revolucionarios de Outubro, indicam-nos quem devemos ir ouvir:

—O cidadão Antonio Bernardo, que foi proposto deputado pelo circulo oriental. Já na presença do ex-candidato a deputado:

—As causas da derrota?

—Os outubristas salvaram os democraticos. Se não tivessem votado, o P. R. P. não obteria as maiorias...

—Que iriam parar a...

—A's mãos dos monarchicos. A' ultima hora bateram-nos á porta... Três horas da manhã de sabado...

—A votação outubrista foi muito reduzida...

—Os outubristas — não se discute — não sei se têm ou não um grande valor numerico. No entanto, se votassem, obtinham pelo menos uns mil votos... E' essa a diferença, no circulo occidental, entre monarchicos e democraticos.

O sr. Antonio Bernardo explica-se depois em varias considerações impossiveis de reproduzir aqui, por extensas. Tem um romantismo politico á Vitor Hugo e conhece a fundo muitos livros de sociologia. Depois:

—Os outubristas pertenciam ao P. R. P. Antes das eleições dividiram-se em três correntes: a dos comodistas, que se juntaram ao sr. Cunha Leal; a dos disciplinados, que regressaram ao P. R. P.; e a dos intransigentes, que continuaram mantendo o seu programa... A abstenção foi grande, enorme. Existe uma indefectivel corrente republicana que, como protesto contra a marcha da Republica não votou.

—Os democraticos, no entanto...

—Sim, apesar da dictadura do directorio e na repulsa que muitos eleitores tinham em votar nos srs. Antonio Maria da Silva e Sousa Rosa, que influíram na organização do cerco de Lisboa, venceram...

—Os outubristas desapareceram agora?

—Eu não sou outubrista. Convidado, a entrar no 19 de Outubro, sai para a rua quando a revolução estalou, porque sempre, que ha uma luta entre partidos, a Republica periga. Vim oferecer os meus prestimos, os meus quarenta annos de propaganda; aceitei o outubrismo...

—E contava ser eleito?

—Não, nem mesmo o queria. Disse isso muitas vezes... Amigos pessoais... «Bem, vou». Era um protesto...

—E os outubristas desapareceram?...

—Creio que sim. O partido democratico sofria duma doença que lhe causava pesadelos: o 19 de Outubro. Em face das eleições curou-se... Se os outubristas votaram neles, que mais têm agora a esperar?

—Mais um partido...

—E' provavel que fiquem alguns homens isolados. Mas o grosso das forças regressou ao P. R. P.

—Salvaram os democraticos...

—Sim, fomos nós.

Fala-se na «conjunção». O sr. Antonio Bernardo atribui a sua derrota a isto:

—O povo, mesmo que não se intrometa na politica, conhece-a. Apareceram-lhe agora alguns de partidos, sem coesão e sem ideal definido. Veja os socialistas, que nem a propria moralidade do partido sabem sustentar, aliados com os dezembristas que, durante a ditadura de Sidonio Pais, perseguiram os republicanos com furia verdadeiramente tigrinal. Os liberais nas outras eleições, só eles, tiveram mais cotação que toda a conjunção...

E, para fechar, uma frase que ouvimos, no meio da conversa, ao sr. Antonio Bernardo:

—Sempre que ha uma revolução republicana, passado tempo, a reacção triunfa.

Outra frase ainda:

—O descalabro da Republica deve-se ao partido democratico; por isso estamos á beira do abismo.

Fala o sr. Vasco de Vasconcelos pela «conjunção»

O sr. Vasco de Vasconcelos, um pouco gordo e um pouco desiludido da politica:

—Não lhe posso dizer nada. Se eu não quiz ser deputado...

—Mas o seu nome lá vem...

—Escrevi duas cartas, negando-me. Falei ao sr. Cunha Leal, levei a minha intransigencia a não dar dinheiro para as eleições.

—Como appareceu então o seu nome?

—Como sabe, vinte e cinco eleitores podem indicar um nome. Não se pode fugir.

O sr. Vasco de Vasconcelos já nos conhece, apesar de nunca lhe termos falado. E' este conhecimento, de resto muito amavel para nós, que o leva a dizer, interrogado assim: As causas da derrota?

—Porque se riscaram uns aos outros.

—Porque se comeram como os grilos do padre Patagonia, no dizer... do sr. João Luis Ricardo...

—Apresentaram uma lista completa, tiveram até a veleidade de ganhar as maiorias... Como se isso fôsse possivel! Se fôsem só as miniprias... Quatro deputados, um por cada partido... E as listas?

—O que lhe sucedeu?

—Foram trocadas. As do occidental foram para o oriental e vice-versa.

—Falta de preparação também. V. Ex.^a é?

—Sou independente e amigo do sr. dr. Julio Martins. Não queria ser deputado. A minha vida não o permite.

—E' um perigo para a Republica, a vitoria dos monarchicos?

—Não, destrua a frase...

—Os outros partidos...

—Não valem um cigarro...

—Ou talvez: o fumo dum cigarro...

—Sim... sim. Estou convencido que só há dois partidos: o democratico e o monarchico. O resto...

—Mas há deputados liberais e reconstituintes eleitos pela provincia...

—Deve haver. Mais reconstituintes, pare-me.

E fica por aqui o sr. Vasco de Vasconcelos, um pouco gordo, um pouco desiludido da politica.

PRIMEIRAS E REPRISAS

O quadro novo da revista
do Salão Foz e a reposi-
ção de "O 31" no EdenIntitula-se "Amstras sem
valor" o quadro da revista
"Bichinha Gata..."

As amostras que a parceria Bastos, Rodrigues, Bermudes e Ferreira apresentou ante-ontem no Salão Foz possuem indiscutivel valor. Mais do que amostras constituem uma peça completa de irresistivel graça, aplaudida pelo publico com um vigor que não está muito em voga na epoca de indiferença que decorre. «Amstras sem valor», um quadro que, sem obsequio, é um acto, tem como motivo a representação portugueza na Exposição do Rio de Janeiro.

Tornejando o assunto com habilidade e «humour», os autores da «Bichinha Gata» foram felizes, produzindo um trabalho digno de menção honrosa.

A «charge» á Camara Municipal de Lisboa, e, acima de tudo, a apresentação de uma «extraordinaria» companhia de revista por um negociante de cebolas novo-rico armado em empresario — são «trouvaillas» que não é justo deixar passar sem as merecidas referencias de aplauso.

Valoriza ainda mais o quadro a um desempenho correctissimo, invulgar em companhias de revista.

Otelo de Carvalho, interprete do commerciante empresario, criou um tipo originalissimo e soube encadernar-se dentro de le com uma probidade artistica relevante. Tirou todo o partido comico do personagem, se n. re-correr a esgares, nem a movimentos exagerados. Tina Coelho, esplendida no seu papel Laura Costa, graciosissima no numero das «Bonecos» e muito artista em todo o resto do quadro.

Aplausos sinceros merecem tambem Lin a Demoiel e Rosalina Sayal que com avultada cota contribuíram para o successo obtido. Julia de Assunção, uma actriz que sabe dizer, uma verdadeira artista de comedia, chefou o quadro com raro brilho.

Matias de Almeida optimo no «compère» e Martins dos Santos sobresaindo numa rubrica difficulosa. José David criou um «Lira» merecedor de palmas. Julio Martins, Reginaldo Duarte e Garcia Ruas, representaram acertadamente.

Louvores a Castelo Branco pelo guarda-roupa, especializando o do numero dos «lorgnons» que pode classificar-se de primoroso. Mergulhão e Salvador pintaram o scenario e souberam ser scenografos.

A "reprise" da revista "O 31" no Eden

O Eden-Teatro fez ontem «reprise» duma revista que foi celebre — «O 31».

O trabalho de Luis de Aquino, Pereira Coelho e Alberto Barbosa, aqui e além remodelado ou agitado, não sofreu perturbações provocadoras de indiferença por parte do publico. Deve mesmo dizer-se que «O 31» foi acolhido com a viva simpatia que sempre provocou uma recordação resuscitada.

O desempenho, confiado na sua maior parte a artistas que não interpretaram a peça na sua primeira fase, merece louvores.

Cite-se Nascimento Fernandes, espirituosissimo no «17», criação da sua galeria.

E sem desprir para outros interpretes cujo nome nos fuja involuntariamente da memoria, registemos o trabalho consciencioso e por vezes brilhante de Adelina Fernandes, Deolinda de Macedo, Clara Baptista, Ilda Silva, Augusto Costa e José Moraes que conhece «O 31» como os proprios dedos. O guarda-roupa, um pouco anemico. Mas como a anernia é doença curavel a revista não será abalada nas suas tradições de «persona grata» do publico.

A lampada PHILIPS

E' sempre preferida em todo o mundo, por ser a melhor
RAUL VIEIRA, Ltd.

RUA DA PRATA, 51 — TELEFONE 3586 C.

Tem DEPOSITO de todos os tipos e intensidades
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
Lampadas para AUTOMOVEL

GARANTIA

CAPITAL REALIZADO 1.000 CONTOS
Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1920 Esc. 7.978.798\$76,3
SEGUROS DE VIDA em todas as suas combinações entre os quais os vantajosos seguros.

COMPANHIA DE SEGUROS fundada em 1853
com sede no Porto (edifício próprio)

Agentes em Lisboa, Coimbra, Faro,
Santarem, Orlão e Portimão

FAMILIAR (seguro de capital e pensão) e **MIXTO DE CAPITAL DUPLO** (que duplica o capital em caso de sobrevivência)

Seguros terrestres, marítimos, agrícolas e de automóveis

José Henriques Jolla, Ltd. (banqueiros) EM LISBOA, tel. 533, 1589, 4070, 4152 e 4153



LARK

Os melhores calçados -
Solas impremiáveis
ESPECIALIDADE EM FORMAS AMERICANAS

A venda na
Sapataria CONTENTE, L. DA
R. DO CARMO, 74



LARK

PREFERIR O CHÃO SEM FENDAS

"CORTICITE"

(PRÓPRIO PARA ESTABELECIMENTOS, SALÕES, QUARTOS, CASAS DE BANHO, COZINHAS, TERRAÇOS, ETC.).

É ALIAR O BOM GOSTO

A ECONOMIA E A HIGIENE

ORÇAMENTOS GRÁTIS

ENVIAR PEDIDOS AOS UNICOS FABRICANTES

ESTABELECIMENTOS **HEROLD, L. DA**

Telefone C-2720 LISBOA R. dos Douadouros, 7-1.º, 2.º e 3.º

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO
LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa

Para carga e passageiros trata-se com os agentes



Pinto & Sotto Mayor
R. do Ouro, 24

Telefone n.º 1227 C. LISBOA

S.I.C.

Os melhores chocolates, cacaos, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

Dr. Mário de Oliveira

OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA
DEPOIS DE UMA FREQUENCIA DE 2 ANOS NOS PRINCIPAIS SERVIÇOS DESTA ESPECIALIDADE, EM PARIS, VIENA E BERLIM, ABRIU O SEU CONSULTÓRIO NO
ROCIO, 59-1.º—Telefone 5497
CONSULTAS DAS 3 ÀS 5

ROUBOU UM TESOURO



STORES DE MADEIRA

RUA DO SEculo, 140

LE COMMERCE INTERNATIONAL
D'IMPORTATION ET EXPORTATION, L. DA
17, Largo da Biblioteca
LISBOA

Conservas et Vinhos
REPRESENTANTES

EM
BORDEAUX
PRAGA
BEYROUTH
ALEXANDRIA
PYREU
SALONICA
ANVERS
GENOVA
SMYRNA

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lâmpadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.

EFEITO SURPREENDENTE!

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

CASA TRIUNFO

R. Augusta, 72, 74

LISBOA

**AGENCIA GERAL DE ANGOLA**

(Instituição oficial criada por decreto do Alto Comissariado da Republica em Angola, n.º 16, de 19 de Maio de 1921)

SÉDE—RUA DA MADALENA, N.º 237, 1.º ANDAR—LISBOA

ENDEREÇO TELEGRAFICO «AGENCIANGOLA»—TELEFONE C-3557

OS SERVIÇOS A CARGO DA AGENCIA SÃO OS SEGUINTEs:— Serviços de colonização e imigração; Aquisição de materiais e demais artigos destinados ao Governo Geral de Angola; Serviços relacionados com empréstimos; Serviços de propaganda da Provincia e informações.

Esta Agencia Geral presta todos os esclarecimentos que digam respeito á provincia de Angola e que lhe sejam solicitados por qualquer pessoa

EDEN-TEATRO

Empresa Henrique Barreiros, Limitada — Companhia de revistas de Antonio de Macedo, de que faz parte o actor Nascimento Fernandes

2 sessões — A's 20,30 e 22,30
2.ª representação

O 31

A mais popular e representada revista em Portugal e Brasil

17—Nascimento Fernandes

31—Augusto Costa

Montagem como na primitiva
O sucesso de todas as épocas

Segunda-feira, 30 — às 21,15

**DORA H O TEATRO
VIEIRA J E APOLO**

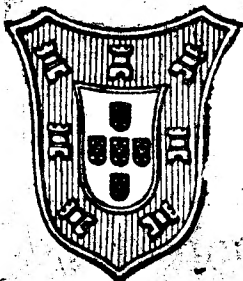
Festa artística

A única representação da «vaudeville», em 1 acto, original de José Pedro do Carmo

ROSETTE

representando-se também 1 acto da revista
E' o levas e 1 acto de variedades.

DIA 3—Recita de homenagem a Henrique Alves, com a «reprise» da revista P. A. M. Bilhetes á venda.



**GRANDE
HOTEL
PORTUGAL
SISTEMA
AMERICANO**

12 RUA DO AMPARO, 12

LISBOA

Falam-se linguas
Serviço de Restaurant

O Diário de Lisboa encontra-se
à venda no Dafundo, na tabacaria
Freire.

João Gonçalves Lage Junior FALECEU

João Gonçalves Lage, Maria José de Sousa Lage, Augusto Gonçalves Lage, Albertina Gonçalves Lage, Domingos Gonçalves Lage e sua esposa (ausentes) e Domingos Gonçalves Lage participam o falecimento de seu nunca esquecido filho, irmão e sobrinho, e que o seu funeral se realiza amanhã, terça-feira, às 11 horas da manhã, saindo o prestito funebre da sua residencia Rua de Campolide, 146, 2.ª, para o Cemiterio Oriental. Devido ao estado de consternação da familia não se fazem convites especiais.

PORTUGAL LÁ FÓRA**EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO**

**A representação artistica portuguesa — As reg-
ras que os expositores de obras de Arte de-
vem seguir, nas suas relações com o Comissa-
riado Geral do Governo Português no grande
“certamen” internacional**

Está concluída a redacção do regulamento para admissão de obras de Arte Portuguesa na Exposição do Rio de Janeiro. Vamos extrair o mais essencial do que nele se prescreve, insistindo com os interessados, como já temos feito respectivamente a outras especialidades, para que requisitem um ou mais exemplares do regulamento ao commissariado geral do governo na Exposição do Rio de Janeiro, com sede na Sociedade de Geografia de Lisboa.

A inscrição dos expositores pode fazer-se desde já, em boletim proprio, fornecido pelo commissariado. O prazo para a entrega de obras de Arte a expôr começa em 1 de abril e termina em 15 de maio proximos. São, como se compreende, duas operações distintas, servindo a primeira de base de exame para se efectivar a segunda.

Podem expôr-se obras de Arte contemporaneas e antigas, originais ou reproduções, subdivididas nos seguintes grupos: escultura, pintura, desenho e gravura, em qualquer das suas modalidades; arquitectura, representada por projectos «maquettes» ou fotografias; musica, por objectos que documentem as tradições e a evolução portuguesas; finalmente, Artes decorativas com caracter artistico.

Um juri resolverá definitivamente quais as obras dignas da exhibição na secção portuguesa no certamen, sendo, porém, consideradas isentas dessa formalidade os artistas portugueses que já tenham obtido, em exposições de Arte, nacionais ou estrangeiras, uma 1.ª ou 2.ª medalhas.

O juri de admissão é constituído pelos membros da delegação da direcção geral de Belas Artes que assiste o commissariado e por dois representantes das sociedades nacionais de Belas Artes de Lisboa e Porto na mesma comissão.

Como se vê, o maior escrupulo presidiu á redacção desta parte do regulamento. Não era possível, sem grave risco para o brilho da representação artistica portuguesa, deixar aberta, de par em par, a porta das admissões. Um fundamental espirito de imparcialidade dominou, entretanto, os organizadores da secção portuguesa. O juri de admissão oferece todas as garantias, porque é composto de pessoas da maior respeitabilidade, perfeitamente conhecedoras dos meios de resolver os problemas que lhe são postos. E o Commissariado Geral não terá outra função senão a de executor das resoluções do juri.

Ainda nesta ordem de ideias, forçoso era determinar o limite numerico de obras a expor, para cada expositor. Embora Portugal, na Exposição do Rio de Janeiro, disponha de uma área de 4.400 metros quadrados, o espaço não sobra, antes tem de ser criteriosamente economizado e equitativamente distribuido por todos os expositores. As Belas Artes terão lugar de destaque no Pavilhão de Honra, que ocupa 400 metros quadrados, mas não será para surpreender se houver necessidade de aproveitar ainda algum espaço do Palacio das Industrias Portuguesas para serem expostos objectos darte que não encontrem lugar no Pavilhão d'Honra. Ora se

não fôsse limitado o numero d'obras a expor para cada concorrente, bem certo podiamos ficar de que não haveria espaço que comportasse o seu elevado numero. E, por isso, que no regulamento se preceitua o seguinte:

«E' estabelecido o limite maximo de 10 quadros a oleo, aguarelas, desenhos, etc., e que devem vir completamente emoldurados e seis esculturas que cada artista pode submeter á apreciação do juri de admissão, competindo a este escolher de entre essas obras as que julgue deverem ser enviadas para a Exposição».

Para complemento destas indicações praticas, diremos ainda que as obras de arte a submeter ao juri devem ser enviadas até 1 de Abril para as sedes das Sociedades Nacionais de Belas-Artes de Lisboa e Porto; para o Commissariado, com sede na Sociedade de Geografia de Lisboa, serão depois remetidas as que tiverem sido seleccionadas pelo juri de admissão.

Passemos agora a dar algumas explicações de caracter economico.

Em primeiro lugar: todas as despesas são por conta do Commissariado até á sua devolução e entrega nas sedes das Sociedades de Belas-Artes de Lisboa e Porto. E mais ainda: as obras de arte serão seguras pelo Commissariado, observando-se para tal fim algumas regras, claramente expostas no regulamento que nos serve de guia.

O regulamento prevê ainda, outros casos, como embalagem e desembalagem, armazenagens, etc.

Os artistas expositores podem, querendo, vender as suas obras no local da Exposição. O Commissariado desempenhará, na transacção, o papel de agente comercial, cobrando despesas e percentagens em conformidade com o uso geral no comercio. Uma vez feita a liquidação, o Commissariado saldará as suas contas com o expositor-vendedor.

E' este o resumo do regulamento. Damos-lo sómente para que os interessados compreendam que todas as garantias de exito lhes são dadas pelo Commissariado Geral do Governo. Em todo o caso, este resumo não dispensa a leitura do regulamento, que é fornecido pelo Commissariado a quem o requisitar, com o seguinte endereço: Commissariado Geral do Governo na Exposição Internacional do Rio de Janeiro. Sociedade de Geografia—Lisboa.

Para fiscalizar diremos, ainda, que nenhuma dos obras de arte expostas poderá ser reproduzida sem prévia autorização do autor.

TELEFONES DO “DIÁRIO DE LISBOA”

Redacção—C. 3194

Administração—C. 3195

**DINHEIRO**

Empresta-se sobre ouro, prata e brilhantes e sobre todos os objectos que ofereçam garantia.

Empresta-se sobre louças antigas e compram-se todas as qualidades das mesmas.

ANTONIO PEDRO DA SILVA

R. DAS GAVEAS, 6, 1.º

TEL. 1.096

Coliseu dos Recreios

HOJE—Às 20,45 (8 314)—HOJE
ESPECTACULO DA MODA

ESTREIA

dos notabilissimos artistas comicos

MARTINETTES

com os seus inimitaveis saltos de prancha

**Magnifico programa da
Grande companhia de circo**

AMANHÃ**Grandiosa matinée**

dedicada á esquadra inglesa

Programa variado
Bilhetes á venda

TEATRO SALÃO FOZ

EMPRESA ARTUR EMAUZ

GRANDIOSISSIMO SUCESSO DA

COMPANHIA OTELO DE CARVALHO

com o graciosissimo quadro novo

ANOSTRAS SEM VALOR

ampliando a famosa revista

Bichinha Gata...

amplamente remodelada e com numeros de sensa-
ção, tendo todo o aspecto de

UMA PEÇA ABSOLUTAMENTE NOVA

HOJE

Eu sou o «Mosca»

nas

Eu sou o «Zé»

DUAS SESSÕES

Eu sou o «Mosca»

Olari 16 16

PERMANENTE GARGALHADA

A 2.ª sessão finda á meia noite

LABORATORIO DE FARMACIA

— DO —

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA**Emulsão “PASTEUR”**

DE OLEO DE FIGADO DE BACALHAU COM
GLICEROFOSFATOS DE CALCIO E SODIO

Debilidade geral — Raquitis-
mo — Afecções pulmonares, etc.

FARMACIAS:

R. NOVA DO ALMAR, 88 — LISBOA

R. DOS CLERIGOS, 36 — PORTO

João Gonçalves Lage Jr. FALECEU

João Rodrigues Pablo Junior, Domi-
Pablo Junior, João Tavares de Matos, Se-
tião Tavares de Matos, participam o fi-
mento de seu querido amigo e que o fu-
se realiza amanhã, terça-feira, pelas 11 h
da manhã, saindo da sua residencia, ru-
Campolide, 146, 2.ª, para o Cemiterio O-
tal.

BANCO DO MINHO

FUNDADO EM 1864

AGENCIAS: GUIMARÃES, COVILHÃ E NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

CORRESPONDENCIAS EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAÍS E NAS PRINCIPAIS PRAÇAS DO ESTRANGEIRO

Filial em Lisboa—R. AUREA, 39 a 51 e R. DE S. JULIÃO—(Edificio proprio)

CAPITAL: 4.000.000 escudos — RESERVAS: 4.900.000 escudos

Sede em Braga

Filial no Porto

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

Capital autorizado 50.000:000\$00

LISBOA

Capital realizado 5.000:000\$00

Operações--Descontos--Transferencias--Empréstimos e créditos em conta corrente--Compra e venda de cambiais--Cartas de crédito sobre o país e estrangeiro--Depósitos á ordem e a praso--Guarda de títulos--Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

Filiais: Porto -- Coimbra -- Viana do Castelo -- Santarém -- Faro e Ponta Delgada

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

Sociedade Comercio Nacional L.^{da}

59, RUA NOVA DO ALMADA, 1.º

ELEFONE—C. 3190

LISBOA

TELEGRAMAS—ALMANOVA

Exportação

Comissões

Consignações

Importação

Productos nacionais e estrangeiros

PRODUCTOS COLONIAIS

Representantes de casas estrangeiras

Lampadas electricas "AARAU" (Antiga lampada suissa Westinghouse)

PRODUCTOS SANITARIOS "GUARNERI"

Maquinas de serrar--Vinhos da Madeira e Porto

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Séde em Lisboa -- RUA DO COMERCIO

Agencia em Lisboa -- CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL Esc. 48.000.000\$00

CAPITAL REALIZADO Esc. 24.000.000\$00

RESERVAS Esc. 26.000.000\$00

NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandoula, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Póvoa do Varzim, Santarém, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real.

NO ESTRANGEIRO—PARIS, Rue du Helder, 8; LONDRES, 10, Mortimer Street; NEW-YORK, 23, Liberty Street.

FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroísmo.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Inglesa), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRASIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Comenda-se as filiais deste Banco no Brasil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal. Correspondentes nas principais localidades do Continente e em todas as Cidades do Mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações, cartas de crédito directas ou circulantes sobre as colonias e todos os países do mundo.

DA, MORAES & C.

Prata, ouro, moedas e notas de todos os países, coupons nacionais e estrangeiros, vencidos e a vencer compra aos melhores preços

Rua Augusta, 37

(esquina da R. S. Julião)

Use os SABONETES de

A PERFUMISTA

Deposito

J. COIMBRA JUNIOR & CT.

Escadinhas da Saude, 10, 1.

ESTRANGEIRO

Use os SABONETES de

A PERFUMISTA

Deposito

J. COIMBRA JUNIOR & CT.

Escadinhas da Saude, 10, 1.

O QUE DIZ A IMPRENSA

UM EMPRESTIMO?

A Alemanha pensa em fazê-lo em certos países neutros e na Dinamarca

com a sua reserva de ouro?

COPENHAGUE, 30

Correu aqui o boato que certos países neutros, entre eles a Dinamarca, estão de acordo em fazer um empréstimo à Alemanha, pondo em depósito este país parte da sua reserva de ouro.

Segundo os jornais suecos, além da Dinamarca, a Suécia e mesmo a Holanda estarão de acordo neste contrato.

O director do Banco Nacional Dinamarquês declarou que este boato, ao que diz respeito à Dinamarca, é inteiramente falso. — (R.)

EM ARMAZEM

Motores electricos

Dinamos

ANERÓMETROS E VOLTÍMETROS

Lampadas, fios, cabos,

Etc., etc., etc.

John M. Sumner & Co

Sucessor

JOSE J. TEIXEIRA

29-Avenida da Liberdade, 39 LISBOA

A CAMINHO DO EXILIO...

A ex-imperatriz Zita

concede uma entrevista a "Le Matin"

e fala da abdicação a favor de seu filho, de Guilherme II e da famosa entrevista de Homburg

Parece que a ultima tentativa de restauração monárquica na Hungria não foi tão depreciable como uma aventura sem importância. Pelo menos, assim o fazem crer as inauditas precauções tomadas pelo Conselho Supremo para com a imperatriz Zita, nas circunstancias actuais uma mulher apenas que vai tratar um filho doente. Mal poudo ver os filhos e o Conselho Federal da Suíça, ficou tão assustado com uma nota do Conselho Supremo, que tendo este dado o prazo para a rainha permanecer na Suíça até 31 de Janeiro, aquele apresentou-se a transmitir-lhe ordens, que já a fazem estar proxima de Portugal.

A rainha deu uma entrevista interessantissima a Jules Sauerwein, para o «Matin», na qual diz o seguinte, a proposito do receio que a sua viagem inspirava e das intenções que lhe atribuíam:

— Zarapine, segundo o que me contou Egger, o conselheiro da legação suíça, era corrente que eu levava na mala uma grande proclamação do imperador, abdicando em boa forma a favor do filho mais velho. E foi por isto que abreviei o prazo de 31 para 21 e um itinerário de viagem velocissimo. Fizera ver ao embaixador francês, Allié, que dera estas ordens, que elas não eram muito humanas, mas ele foi inflexivel. Até meus filhos, o mais velho de nove anos, estão proibidos de passar por Paris, para irem ter connosco a Madri.

A rainha deu uma entrevista a um jornalista da Hungria, teve bastantes apêndices. Houve uma fuga de gasolina e tiveram grandes dificuldades em aterrar, porque os que deviam acender foguetes no local proprio para a aterrissagem, tinham feito confusão com o dia da chegada.

Quanto ás acusações de demoras nas resoluções e em outras coisas, atribuiu a causa da derrota, a imperatriz disse:

— O que me mais preocupa não é a entrada nos nossos planos a colheita dos nabos e beterrabas. Esta colheita faz-se em outubro e vagões estavam ocupados em fazer transportes. O tempo que perdemos foi em procura de vagões...

A parte que se segue é a mais interessante da entrevista. A imperatriz foi educada em França, assim como seus irmãos que combateram ao lado dos aliados.

Quando por morte de Francisco José subiu ao trono com seu marido, toda a corte se perguntava:

— Que vem fazer para aqui esta francesa?

Chegaram a propalar que a imperatriz abria os diques do Piava para afogar o exercito austriaco. Aqui está uma creatura que pode bem dizer com D. Francisco de Almeida, mudando apenas algumas palavras: «Mal com os centrais por mór dos aliados, mal com os aliados por mór dos centrais.»

Falava francamente aos generais dos dois imperios e ao proprio kaiser.

Escreveu quatro cartas a este, censurando-o pela destruição da catedral de Reims. De cada vez respondeu Guilherme II com desculpas diferentes, todas falsas e mentirosas.

Um dia, num almoço, atacou a guerra, por causa das populações que morriam de fome, diante do general Holtzendorf, ao que este respondeu:

— A abstinencia é um esplendido exercicio. Eu tambem não como quando tenho que fazer.

— V. atreve se a falar assim, comendo um prato delicado? exclamou Zita. Como é que não tem vergonha?

Por occasião da famosa entrevista de Homburg, encontraram-se reunidos num almoço os dois imperadores, as duas imperatrizes e todos os grandes generais.

Zita estava pensativa.

— Em que estás tu a pensar? perguntou Augusta de Hohenzollern.

— Que se uma baba desse aqui, realzaria um rabato sensacional.

— É verdade, respondeu ela, se os franceses soubessem, eram capazes daqui vir.

— Os franceses não sei, disse Zita. A's vezes os aviadores têm certas distrações. Por exemplo: quando o rei da Belgica fez anos, os aviadores alemães foram bombardear-lhe a residencia e iam-lhe matando a mulher.

A imperatriz alemã perdeu a linha e foi informar-se com Ludendorff.

Na entrevista, tambem a imperatriz Zita contou que o kaiser havia proposto um projecto economico á Austria, que os ministros se dispunham a assinar, quando Guilherme II, considerando a victoria ganha, fez a seguinte reflexão:

— Enfim, não ficam mal de todo. Vejam lá se a Baviera se queixa.

Carlos de Habsburgo respondeu-lhe imediatamente:

— Agradeço-lhe o ter-me dito pessoalmente que somos assimilados á Baviera. E a negociação não foi por deante.

EM CONSTANTINOPLA

"A FEBRE NEGRA"

E' assim conhecida em Angora uma nova doença que mata em 9 horas e que tem

vítimado familias inteiras

CONSTANTINOPLA, 30

Constata-se o aparecimento em Angora de uma nova doença, a que se dá o nome de «febre negra». As pessoas atacadas por esta enfermidade morrem nove horas depois de sofrer os primeiros sintomas. Esta doença começa por fazer sentir ao doente um violento tremor, perdendo este os sentidos duas horas depois. Teem morrido familias inteiras num só dia. O ministerio da hygiene mandou proceder a estudos sobre a nova enfermidade. — (U. P.)

Uma medida tomada para colocar em segurança a existencia da Turquia

CONSTANTINOPLA, 30

O governo turco admitiu em principio a liberdade dos estreitos com todas as garantias que essa liberdade exige, mas não admitirá nunca a entrega de qualquer parcela do litoral do mar de Mármora a uma potencia estrangeira, porque isso de futuro poderia dar lugar ao estabelecimento duma base naval susceptivel de ameaçar a segurança da capital e pôr em perigo a existencia da Turquia. — (U. P.)

A ESPANHA NO RIFF

Continua a apresentação dos kabilenos MELILLA, 30

Teem-se apresentado muitos kabilenos de Beni Aros. Assegura-se que o Raisuli enviou emissarios ás autoridades espanholas oferecendo a sua submissão mediante determinadas condições. Diz-se tambem que as negociações para a submissão do Raisuli e dos mouros que o seguem estão a ponto de terminar-se satisfatoriamente. Atribue-se a isto a suspensão dos bombardeamentos aereos em Tazarut, onde se acha o famoso cabecilha mouro. — (U. P.)

BANCO COLONIAL PORTUGUEZ

SÉDE: Rua Áurea, 175 a 191 --- LISBOA

DIRECÇÃO:

José Francisco da Silva
Manuel Maria Augusto da Silva Bruschy
Henrique Augusto Ferreira

SUCURSAIS:

CONSELHO FISCAL:

Antonio Vieira Pinto
Ernesto Giesel Schroeter
Arsenio Xavier da Silva

PORTO --- Casa do X. Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO --- Banco Portuguez do Brasil

Telegr.: PROCOLONIA — Telefones: C. 5220-5221

Capital autorizado: Esc. 100.000:000\$

Capital emitido: Esc. 10.000:000\$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL PORTUGUEZA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a praso em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no país e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, empréstimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

